

**LETRAS E VOZES CONTRACOLONIAIS E ANTIRRACISTAS: AUTORIAS FEMININAS,  
QUEER E TRADICIONAIS  
APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ 2023/2**

**ORGANIZADORAS:** Ana Lúcia Liberato Tettamanzy (UFRGS), Cristina Mielczarski dos Santos, Mônica de Souza Chissini (UFRGS/IFRS) e Vera Lúcia Cardoso Medeiros (UNIPAMPA).

Neste número, um desdobramento da proposta original do dossiê **Letras e vozes anticoloniais e antirracistas**, apresentamos um Dossiê temático dividido em duas seções. A primeira seção, **Autorias femininas e queer**, inspira-se em Antonio Bispo dos Santos e convoca a pensarmos em circularidade, quebrando a linearidade e o binarismo definidos pelo modelo moderno-capitalista-patriarcal através do conhecimento e da valorização da história das mulheres. História tão rasurada a ponto de se acreditar que foi produzida apenas pelo gênero masculino, já que a mulher estaria ocupando sempre o lugar do “segundo sexo”, do Outro subalternizado (Beauvoir, 2016 [1949]). Há urgência de romper com o silenciamento da voz feminina, modificando as condições que criaram ou autorizaram situações de opressão e inferiorização. Nesse sentido, a literatura pode ser um caminho para manifestação da subjetividade de forma livre por meio de corpos que se querem políticos ao contestar processos históricos e sociais que naturalizaram concepções distorcidas em relação às mulheres e também a gênero e sexualidade.

À vista disso, Cristina Mielczarski dos Santos e Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, no artigo “Os ‘Nós’ da escrita feminina”, destacam a mulher como um sujeito autobiográfico, que escreve e recupera a sua história. Para tal abordam a influência do diário de Carolina Maria de Jesus na criação de diversas autoras negras (Anzaldúa, Cárdenas, Ega, Ribeiro, Angelou, Evaristo). Núcleos afetivos familiares de avós, mães e filhas dividem experiências do vivido na “escrevivência” (Evaristo), seja de forma autobiográfica ou ficcional. Os “nós” da escrita feminina convergem nos gêneros cartas, diários e artigos que se entrelaçam, marcando, para além do individual, os “nós” das coletividades.

Ana Paula Freitas dos Santos, poeta, professora e contadora de histórias, no artigo “A Identidade indígena: memória e resistência na escrita de Eliane Potiguara”, evidencia a potencialidade decolonial de Eliane Potiguara, a primeira mulher indígena a publicar um livro no Brasil, o clássico *A terra é a mãe do índio*, de 1975,

confirmando um dado frequente em sociedades indígenas - o protagonismo das mulheres nos cuidados com a manutenção da vida, seja nos cultivos, nas curas ou na transmissão de saberes. Um dos importantes aspectos iluminados no texto são os efeitos do racismo na psique do sujeito indígena, que, assim como o sujeito negro, tem sua subjetividade atacada e sua humanidade negada. Outra quebra das narrativas hegemônicas pode ser encontrada na obra de João Nyn, multiartista potiguar que atua na performance, no cinema, na música e no teatro.

A história do primeiro indígena acusado e morto pelo crime de sodomia no Brasil colônia é tema da peça de Nyn abordada por Renata de Oliveira Klipel em “Fronteiras epistêmicas, fronteiras espaciais e a decolonialidade em *Tybyra: uma tragédia brasileira*”. Preocupado em denunciar a situação do Rio Grande do Norte, o estado com o menor índice de autodeclaração indígena no Brasil, João Nyn demonstra a instabilidade de fronteiras tanto pela identidade não binária do protagonista como pela linguagem. Além de inserir palavras em tupi-guarani, há a demarcação indígena na língua portuguesa pela troca do “i” pelo “y”, vogal sagrada nesse idioma. Segundo a autora, “a escolha por um narrador como Tybyra é bastante significativa nessa demarcação, pois a determinação de qualquer voz narrativa trata da ocupação de um lugar epistêmico étnico-racial de gênero”.

A segunda seção, intitulada **Autorias tradicionais**, é composta por contribuições mais próximas dos debates que remetem às origens da Revista Boitatá, ligada ao GT de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL).

Já no título “Cultura e educação no Delta do Rio Parnaíba: o fazer do griô Zé Santana”, se explicita o assunto da pesquisa de José Marcelo Costa dos Santos e Maria do Amparo Borges Ferro. Nos fazeres deste artesão, poeta e compositor que atua há décadas no Piauí como amo e mestre de brincadeiras de boi, a cultura, em sua multidimensionalidade e diversidade, é compreendida pelos autores como elemento de educação que se dá no cotidiano já que, para além de recriar a memória coletiva como uma biblioteca viva, o griô produziu acervo escrito de seu repertório artístico-literário.

No texto de Cláudia Vanessa Bergamini, “O boto da narrativa e a narrativa do Boto”, o professor, contador de histórias e performer Antonio Juraci Siqueira celebra

em voz e letra o mito do Boto, central no imaginário amazônico, para, em prosa e verso, mesclar experiência, memória e história. O fato de se apresentar de branco, como sendo o filho do boto, mostra a vitalidade do pensamento popular e as conexões das dimensões materiais com as míticas nesse espaço geográfico e cultural.

Em “A Canoa-livro dos narradores desana na obra *Antes o mundo não existia*”, Marcos Lampert Varnieri discute aspectos teóricos ligados à complexidade das histórias fundantes da cultura desse povo, traduzidas da oralidade desana para o português. Ao modo da épica e da literatura oral, os contos de criação do mundo e dos diversos seres, humanos e não humanos, são lidos por Varnieri a partir de teorias antropológicas do mito, do animismo aplicado à literatura e às marcas da literatura indígena contemporânea no Brasil. Assim, no regime conceitual que preside a narrativa, não só há relações intersubjetivas e sociais entre seres além do humano, como estes podem trocar de posição em transformações, constituindo o animismo literário e o perspectivismo ameríndio.

Com o artigo “Autoras indígenas e as escrituras do corpo da terra”, Carla Lucilene Uhlmann e José Carlos Felix abordam alguns percursos das fabulações e oralidades indígenas nos processos de escritura de livros. Se, por um lado, destacam a forçada apropriação da língua portuguesa nas expressões orais e escritas, por outro, apontam para a conversão da letra em instrumento de reivindicação de direitos. É o que observam na poética de Denízia Kawany Fulkaxó, ou Denízia Cruz, que ampara sua voz na ancestralidade e em corpos-territórios de disputas. Nesse pensar e escrever entre línguas e entre linguagens, cantos, danças, contação de histórias e cosmologia reverberam as experiências coletivas em diversos contextos e formatos de disseminação das criações dessa autora Kariri Xokó.

Por fim, Monise Campos Saldanha parte de lembranças afetivas de sua avó de origem portuguesa para escrever “Do silêncio se fez a terra: a palavra-alma no corpo que canta”. Tanto na memória pessoal e coletiva como na imaginação amazônica, são as escutas em meio às matas e águas que propiciaram a iniciação a figuras de poder (pajés, caruanas, encantados). A autora mostra como a narrativa oral e os mitos, recriados em vários contextos, seguem disseminando uma resistência decolonial ao empobrecimento das experiências e dos mundos.

Esta síntese dos artigos que formam o dossiê deixa entrever a diversidade e variedade que marcam o conjunto, assim como revela suas confluências, sejam de ordem mais objetiva (conceitos, referências teóricas, pontos de vista) ou mais subjetiva (anseios, inquietações, expectativas). Destacamos mais uma vez nosso homenageado, Antonio Bispo dos Santos, semeador de palavras no intuito de enfeitiçar a língua portuguesa e transformar as mentes, para quem confluência foi a palavra que melhor germinou. Entre as várias potências que ele atribui ao termo, destacamos o que entende confluência como a “[...] energia que está nos movendo para o compartilhamento, para o reconhecimento, para o respeito.” (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 15)

Pois que estes sejam os efeitos da experiência de leitura dos textos que seguem!

## **Referências**

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 3.ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v.1.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.